

## As possíveis interações do Jornalismo com as Ciências Humanas e Sociais<sup>1</sup>

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt<sup>2</sup>

**RESUMO:** Se a diferença principal entre as Ciências Naturais e as Ciências Humanas é que as últimas se voltam para o próprio pensar enquanto objeto de conhecimento, a principal diferença entre as Ciências Sociais e as Ciências Humanas é que as primeiras buscam estabelecer constâncias em relação a comportamentos e práticas sociais, dentre as quais se insere o Jornalismo. O ser humano é um ser eminentemente comunicacional, porque social. Todas as suas relações se estabelecem através da comunicação: nas sociedades industrializadas, são os mídias que garantem tais processos comunicacionais, destacando-se dentre eles o Jornalismo. Uma reflexão sobre o Jornalismo, assim, no que toca à aproximação com aquelas Ciências, deve levar em conta, de um lado, a Ética e, de outro, a democracia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciências Humanas, Ciências Sociais, Teoria do Jornalismo, Deontologia do Jornalismo, Teoria da Comunicação.

A provocação sugerida pelo título deste artigo exige que, antes de tentarmos respondê-la diretamente, comecemos discutindo os termos em que ela se coloca, ou seja,

---

<sup>1</sup> Comunicação originalmente apresentada no II Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos e IV Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos, no âmbito da Universidade Fernando Pessoa, da cidade do Porto, em Portugal, entre 17 e 18 de março de 2005. Texto revisto para o V Encontro dos Núcleos de Pesquisa – NP em Jornalismo, no âmbito do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, entre 5 e 9 de setembro de 2005, na UERJ, Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Doutor em Letras, pela PUCRS, ex-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Professor de "Teorias da comunicação" e "Comunicação e opinião pública" no mesmo Programa.

que nós tragamos algumas reflexões, ainda que rápidas, a respeito das Ciências Humanas e das Ciências Sociais, tais como elas se apresentam hoje em dia e, enfim, sobre o próprio Jornalismo, para só depois podermos aproximar os três termos.

Desde a hecatombe da II Grande Guerra, temos sido tentados a nos indagar, como o fez Theodor Adorno, a respeito do sentido do mundo humano, depois de tudo o que então se assistiu. Se levarmos em conta os acontecimentos posteriores, culminando em guerras recentes, em torturas requintadas, em respostas cínicas a indagações a respeito da morte de prisioneiros de guerra ou de simples cidadãos presentes em territórios ocupados por forças militares contrárias, por certo que o ceticismo do grande autor da **Dialética do Iluminismo** ficaria ainda mais justificado. No entanto, se é verdade que as Ciências Humanas se diferenciam das Ciências Naturais, não apenas porque essas estudam a natureza - de que, aliás, o homem faz parte, em suas leis mais gerais e permanentes - é certo que essa diferenciação existe porque as Ciências Humanas se voltam para si mesmas, na medida em que o homem pensa, e pensa sobre alguma coisa, mas, mais que isso, o homem pensa sobre o próprio pensar - e essa é a principal tarefa das Ciências Humanas, motivo pelo qual elas têm na Epistemologia uma de suas principais disciplinas. Isso significa que as Ciências Humanas estabelecem um quadro referencial valorativo, que tem a ver não apenas com a Cultura, quanto, especialmente, com a Filosofia e, nesta, com a Deontologia.

As ciências humanas são duais, ensina-nos Adriano Duarte Rodrigues<sup>3</sup>. Elas preenchem o vazio entre o *logos* e a técnica e, por isso, são sujeito e objeto de si mesmas, porque sujeito e objeto de conhecimento. Ainda que se corra, hoje em dia, o risco de uma

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, Adriano Duarte - *Estratégias da comunicação - Questão comunicacional e formas de sociabilidade*, Lisboa, Presença. 1990, p. 114.

demasiada *tecnização* das ciências humanas<sup>4</sup>, o que pode instrumentalizá-la perigosamente, por isso mesmo elas continuam cumprindo função fundamental nas sociedades humanas, porque, por sua dualidade, são disciplinas, por excelência, da modernidade.

É sob tal perspectiva que o jornalismo também se aproxima das Ciências Sociais, enquanto estudo *dos processos de interação entre os homens sociais e os grupos humanos e as formas que assumem*<sup>5</sup>. As ciências sociais têm como objeto *descobrir as regularidades dos fenômenos e determinar-lhes critérios de significação*<sup>6</sup>. Desde Ferdinand Tönnies, quando se diferenciaram as *Gemeinschaften* das *Gesellschaften*<sup>7</sup>, valorizou-se a comunicação enquanto um mídia de interação social, tendo em vista que, diferentemente das sociedades comunitárias, em que as relações se dão de modo direto entre seus integrantes, nas sociedades complexas, urbanas, industrializadas, essas relações são impossíveis de ocorrer em sua totalidade, necessitando, por isso mesmo, daquilo que, mais tarde, passar-se-ia a denominar de *meios de comunicação de massa* ou *meios de comunicação social* e, ainda, *mídia*, simplesmente, para tais enlaces e aproximações. Aliás, Niklas Luhmann, em obra referencial, afirma que quase tudo o que sabemos sobre o mundo e a sociedade, sabemos-lo através dos mídia, que ele assim conceitua: *todas aquelas disposições da sociedade que servem para propagar a comunicação, de meios técnicos de reprodução massiva. Deste modo, deve-se pensar sobretudo em livros, revistas e jornais, no referente ao meio impresso, assim como em reprodução fotográfica ou eletrônica de todo tipo, na medida em que a produção seja em grande número e esteja dirigida a receptores desconhecidos.*

---

<sup>4</sup> RODRIGUES, Adriano Duarte - *Estratégias da comunicação - Questão comunicacional e formas de sociabilidade*, Lisboa, Presença. 1990, p. 9.

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto - *Sociologia - Introdução ao estudo dos seus princípios*, Rio de Janeiro, José Olympio/MEC. 1973, Vol. 1, p. 109.

O pesquisador, recentemente falecido, acrescenta logo depois: *em todo o caso o decisivo é isto: entre o emissor e o receptor não deve haver interação entre presentes. A interação ficará excluída pela intercalação da técnica e isto acarreta conseqüências muito amplas para definir o conceito de meios de comunicação de massas* (p. 3), dentre os quais, como se viu, insere-se a imprensa - ou o jornalismo.

Sabe-se que o campo jornalístico começa a se diferenciar do literário a partir do final do século XIX e princípios do século XX, quando a notícia transforma-se em mercadoria<sup>8</sup> e surgem, então, exigências específicas para aquela atividade. Por conseqüência, estabelecem-se igualmente *habitus* específicos para aqueles profissionais que se ocupam de tais atividades<sup>9</sup>: o *habitus* consiste numa *espécie de matriz geradora de esquemas de ação e percepção social que, sob a ilusão da naturalidade, parecem ao indivíduo como absolutamente corretos e coerentes*<sup>10</sup>. Observe-se que essa naturalidade tanto se aplica ao profissional, em suas ações de emissor de mensagens jornalísticas quanto ao leitor de jornal, ouvinte de rádio ou telespectador, enquanto receptor dessas mesmas mensagens, abrangendo, na verdade, à (quase) totalidade da sociedade, em seu cotidiano.

Do mesmo modo que as Ciências Humanas, as estruturas da ação social também possuem um duplo movimento, porque elas tendem a determinar a produção e a recepção da comunicação, assim como a comunicação tende a influenciar as estruturas sociais e suas modificações, já que inexitem relações sociais sem interinfluências.

---

<sup>6</sup> MARTINO, Luís Mauro Sá - *Mídia e poder simbólico*, São Paulo, Paulus, 2003, p. 21.

<sup>7</sup> TÖNNIES, Ferdinand - *Comunidad y sociedad*, Buenos Aires, Losada, 1947.

<sup>8</sup> MARCONDES FILHO, Ciro - *O capital da notícia - Jornalismo como produção social de segunda natureza*, São Paulo, Ática, 1986. Ver, também, MARCONDES, Ciro (Org.) - *Imprensa e capitalismo*, São Paulo, Kairós, 1984.

<sup>9</sup> Ainda uma vez, o conceito é oriundo de Pierre Bourdieu, e tratado por Luís Mauro Sá Martino enquanto *práticas estruturadas* que semelham-se a *práticas naturais* (in MARTINO, Luís Mauro Sá, op. cit., p. 75).

<sup>10</sup> MARTINO, Luís Mauro Sá - Idem, *ibidem*, p. 75.

Sinteticamente, pode-se dizer que há um constante tensionamento social que emerge tanto das disputas - reais ou simbólicas - dos diferentes campos, quanto das práticas comunicacionais, dentre as quais o jornalismo se constitui como uma das principais, sobretudo porque, como já o indicou Stuart Hall, o jornalismo atua como *reductor da complexidade social*<sup>11</sup>. Luhmann já observara que a função dos *mass media* consiste, sobretudo, em *dirigir a auto-observação do sistema da sociedade (...)* Trata-se de uma *observação universal, e não uma observação específica de um objeto*<sup>12</sup>, na medida em que os meios de comunicação de massa formam o que ele denomina de *memória social*.

Como os mídia constroem realidades sociais raramente consensuais, constituem permanentes *horizontes de incerteza* que necessitam ser alimentados sempre por mais informações (p. 120). Seu parâmetro referencial, assim, é a introdução de preferências por padrões morais - modelos de comportamento e de valores - o que nos leva para o espinhoso debate da ética, uma ética que, em última análise, não deve ser apenas uma *ética do jornalismo* mas uma *ética humana*, como já observou uma pesquisadora brasileira, por casualidade companheira desta mesa, Marialva Barbosa<sup>13</sup>.

O princípio da *construção social* da realidade, como se sabe, é devida a Peter Berger: ela se dá através de sinais - a linguagem humana - constituindo um universo simbólico que transcende o *aqui* e o *agora*<sup>14</sup>. Daí que todo o fato chega ao conhecimento social apenas como *relato*: o real não é o que ocorre, mas sim aquilo que é narrado e como é narrado pelos meios de comunicação de massa. A *revelação*, do ponto de vista do

---

<sup>11</sup> HALL, Stuart - "Culture, the media and 'ideological effect'" in *Culture, media, language: Working papers in cultural studies - 1972-1979*, London, Hutchinson / CCCS. 1980.

<sup>12</sup> LUHMANN, Niklas - Op. cit., p. 139.

<sup>13</sup> BARBOSA, Marialva - "Ética jornalística ou ética humana?" in HOHLFELDT, Antonio et BARBOSA, Marialva (Org.) - *Jornalismo no século XXI - A cidadania*, Rio de Janeiro / São Paulo / Porto Alegre, Universidade Federal Fluminense / INTERCOM / Mercado Aberto. 2002, p. 91.

<sup>14</sup> BERGER, Peter L. et LUCKMANN, Thomas - *A construção social da realidade*, Petrópolis, Vozes. 1966.

emissor, é que torna o acontecimento real, segundo Roberto Amaral que, por isso mesmo, indica o ser humano enquanto *homo ocular*<sup>15</sup>.

É quando ocorre aquilo que denominamos de *publicidade*<sup>16</sup>, que leva à *visibilidade* dos acontecimentos<sup>17</sup>. O conceito de *noticiabilidade* como que organiza o espaço social, indica Mayra Rodrigues Gomes (p. 89), fazendo com que a percepção da realidade ocorra sob determinada tábua de valores (ainda que inconsciente): nesta organização, por conseqüência, valorizam-se determinados fatos (ou melhor, narrativas), em detrimento de outras.

Tem razão, portanto, Nelson Traquina, dentre dezenas de autores, quando conceitua a notícia enquanto uma *construção narrativa*<sup>18</sup>, melhor ainda, como um *artefato lingüístico* que traduz e concretiza a(s) luta(s) simbólica(s) que se dá(ão) no âmbito social<sup>19</sup>.

A importância maior dessas narrativas é que, provocando o interesse, permitem a conversação que, desde sempre informa a formação da opinião pública<sup>20</sup>. Conclui-se, assim, por uma espécie de *função disciplinadora* e modeladora da realidade por parte dos meios de comunicação social<sup>21</sup>, conceito trazido de Foucault, e que nos é extremamente útil para essa reflexão.

---

<sup>15</sup> AMARAL, Roberto - "Imprensa e controle da opinião pública (informação e representação no mundo globalizado)" in MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.) - *Imprensa e poder*, op. cit., p. 80.

<sup>16</sup> CAREY, James W. - "The press, public opinion and public discourse" in GLASSER, Theodore L. et SALMON, Charles T. (Ed.) - *Public opinion and the communication of consent*, New York, Guilford. 1995, p. 390.

<sup>17</sup> SCHOENBACH, Klaus et BECKER, Lee B. - "Origins and consequences of mediated public opinion" in GLASSER, Theodore L. et SALMON, Charles T. (Ed.) - *Public opinion and the communication of consent*, op.cit., p. 325. Também Mayra Rodrigues Gomes aponta como uma das funções-chave dos mídia a visibilidade (in GOMES, Mayra Rodrigues - *Poder no jornalismo*, São Paulo, Hacker / EDUSP. 2003, p. 75.

<sup>18</sup> TRAQUINA, Nelson - *O estudo do jornalismo no século XX*, São Leopoldo, UNISINOS. 2001, p. 30.

<sup>19</sup> SOUSA, Jorge Pedro - *As notícias e seus efeitos*, Coimbra, Minerva. 2000, p. 15.

<sup>20</sup> GOMIS, Lorenzo - *Teoría del periodismo - Como se forma el presente*, Barcelona, Paidós. 1997, p. 191.

<sup>21</sup> GOMES, Maya Rodrigues - *Poder no jornalismo*, op. cit., p. 67. O conceito de Michel Foucault distribui-se em diferentes obras, mas pode ser encontrado especialmente em *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal. 2001.

Essa função nos remete, uma vez mais, ao campo da ética que, como vimos não pode ser apenas jornalística, mas humana: poderíamos acrescentar, uma ética histórica, como quer Paulo Nassar<sup>22</sup>, justamente na medida em que o ser humano está sempre em determinada situação, num certo contexto. Se é verdade que a tecnologia permitiu a ampliação do universo de usuários dos sistemas midiáticos e, por consequência, possibilitou o rompimento de barreiras de comunicação unidirecional, como indica José Marques de Mello<sup>23</sup>, também aumentou as possibilidades da marginalização, da exploração e da violência, menos física que institucional e simbólica. Daí que a crescente necessidade de criação de novos parâmetros jurídico-institucionais, de auto-regulação dos sistemas e da criação de mecanismos sociais intermediários também se tornou mais evidente.

Embora Muniz Sodré prefira distinguir entre os conceitos de moral e de ética, reconhece que a imprensa herdou seu prestígio da função histórica e ética de ser (ou pretender ser) a voz do(s) cidadão(s)<sup>24</sup>. Se levarmos em conta que o discurso foi um dos elementos básicos identificados desde a antiga Grécia, por Aristóteles, como veículo da comunicação, e que o móvel desse discurso era a felicidade humana, advinda da felicidade maior da sociedade, para o qual o discurso deveria trabalhar, podemos concluir que, de certo modo, a perspectiva ética deveria ser considerada como geneticamente *natural* ao jornalismo, como o indica, acertadamente, Muñoz-Torres<sup>25</sup>, ao demonstrar que a ação prática comunicativa (na esteira de Habermas) deve levar a humanidade a uma felicidade

---

<sup>22</sup> NASSAR, Paulo - "Responsabilidade social ou responsabilidade histórica?" in MOREIRA, Sônia Virgínia et BRAGANÇA, Aníbal (Org.) - *Mídia, ética e sociedade*, São Paulo / Belo Horizonte, INTERCOM / PUCMG, 2004, p. 89.

<sup>23</sup> MELLO, José Marques - "Jornalismo: O desafio do serviço público" in MOREIRA, Sônia Virgínia et BRAGANÇA, Aníbal (Org.) - *Mídia, ética e sociedade*, op. cit., p. 67.

<sup>24</sup> SODRÉ, Muniz - "Ética, moralidade e jornalismo" in MOREIRA, Sônia Virgínia e BRAGANÇA, Aníbal (Org.) - *Mídia, ética e sociedade*, op. cit., p. 123.

<sup>25</sup> MUÑOZ-TORRES, Juan Ramón - *Por qué interesan las noticias - Un estudio de los fundamentos del interés informativo*, Barcelona, Herder. 2002, p. 201 e ss.

que só pode ser considerada por inteiro se concretizada enquanto felicidade geral, isto é, social, ou seja, enquanto uma felicidade advinda do bem maior que se possa produzir junto à sociedade.

O jornalismo precisa ser compreendido, sob tal perspectiva, enquanto um importante agente de consolidação democrática, *pois opera no sentido da desqualificação do autoritarismo e das incitações históricas à violência e às cruzadas*, afirma Gilles Lipovetsky<sup>26</sup>, no que é corroborado por outros autores, para quem a opinião pública, animada pela mídia, gira essencialmente em torno de conflitos e de suas soluções. A mídia tanto provoca quanto resolve tais conflitos, de maneira institucional, dependendo do tipo de sociedade em que se desenvolva, e da capacidade para o discernimento dessa mesma sociedade, através da busca e da aquisição da informação, formação de uma opinião pública consolidada e, por conseqüência, o atingimento de um consenso social<sup>27</sup>, graças às chamadas *controvérsias ritualísticas* que, segundo os autores, evitam a violência física, a marginalização social e a fragmentação política.

Concluindo, podemos, sim, afirmar que as interações do Jornalismo com as Ciências Humanas e as Ciências Sociais continuam extremamente importantes, tanto ideal quanto concretamente: das Ciências Humanas, o Jornalismo continua a guardar a preocupação moral e ética, campos da Filosofia, da Ontologia e da Deontologia; das Ciências Sociais, o Jornalismo continua a buscar a consolidação da sociedade democrática ideal, graças às relações que mantém com a Psicologia Social, o Direito Social, a Sociologia, além da Política. Pode-se afirmar, para guardar uma imagem, que o Jornalismo

---

<sup>26</sup> LIPOVETSKY, Gilles - *Metamorfoses da cultura liberal - Ética, mídia, empresa*, op. cit., p. 85.

<sup>27</sup> OLIEN, Clarice N. ; DONOHUE, George A. et TICHENOR, Phillip J. - "Conflict, consensus and public opinion" in GLASSER, Theodore L. et SALMON, Charles T. (Ed.) - *Public opinion and the communicaiton of consent*, op. cit., p. 320.



continua sendo a amarração fundamental que, mesmo tensionada, ou sobretudo porque tensionada, diz da vitalidade de uma sociedade e da transparência das relações sociais que nela se desenvolvem.

Porto Alegre, Janeiro-Fevereiro de 2005

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BERGER, Peter L. et LUCKMANN, Thomas - *A construção social da realidade*, Petrópolis, Vozes. 1973.

FREYRE, Gilberto - *Sociologia - Introdução ao estudo dos seus princípios*, Rio de Janeiro, MEC / José Olympio. 1973.

GLASSER, Theodore L. et SALMON, Charles T. (Ed.) - *Public opinion and the communication of consent*, Nova York, Guilford. 1995.

GOMES, Mayra Rodrigues - *Poder no jornalismo*, São Paulo, Hacker / EDUSP. 2003.

GOMIS, Lorenzo - *Teoría del periodismo - Cómo se forma el presente*, Barcelona, Paidós. 1997.

HALL, Stuart - *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, UFMG / UNESCO. 2003. Organização e seleção de textos de Liv Sovik.

- HOHLFELDT, Antonio et BARBOSA, Marialva (Org.) - *Jornalismo no século XXI - A cidadania*, Rio de Janeiro / Porto Alegre / São Paulo, Universidade Federal Fluminense / Mercado Aberto / INTERCOM. 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles - *Metamorfoses da cultura liberal - Ética, mídia, empresa*, Porto Alegre, Sulina. 2004.
- LUHMANN, Niklas - *La realidad de los medios de masas*, México / Barcelona, Universidad Iberoamericana / Anthropos. 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.) - *Imprensa e capitalismo*, São paulo, Kairós. 1984.
- MARCONDES FILHO, Ciro - *O capital da notícia - Jornalismo como produção de segunda natureza*, São Paulo, Ática. 1986.
- MARTINO, Luís Mauro Sá - *Mídia e poder simbólico*, São Paulo, Paulus. 2003.
- MOREIRA, Sônia Virgínia et BRAGANÇA, Aníbal (Org.) - *Mídia, ética e sociedade*, São Paulo / Belo Horizonte, INTERCOM / PUCMG. 2004.
- MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.) - *Imprensa e poder*, São Paulo / Brasília, Imprensa Oficial / UNB. 2002.
- MUÑOZ-TORRES, Juan Ramón - *Por qué interesan las noticias - Un estudio de los fundamentos del interés informativo*, Barcelona, Herder. 2002.
- RODRIGUES, Adriano Duarte - *Estratégias da comunicação - Questão comunicacional e formas de sociabilidade*, Lisboa, Presença. 1990.
- SOUSA, Jorge Pedro - *As notícias e os seus efeitos*, Coimbra, Minerva. 2000.
- TÖNNIES, Ferdinand - *Comunidad y sociedad*, Buenos Aires, Losada. 1947.
- TRAQUINA, Nelson - *O estudo do jornalismo no século XX*, São Leopoldo, UNISINOS. 2001.